

**O cordel de militância lésbica:
luta política, higienização
e ruptura de um *éthos***

**The string of militancy lesbian:
political struggle, sanitizing
and ruptured an *éthos***

Rozeane Porto Diniz

*Bolsista PNPd CAPES/FACEPE
pelo Programa de Pós-Graduação em História
da Universidade Federal Rural
de Pernambuco UFRPE.
rozeane_porto@yahoo.com.br*

02

Resumo

Neste artigo, discutimos as contribuições e possíveis consequências dos cordéis militantes sobre as lesbianidades. Nosso corpus é composto por três cordéis: *Chica gosta é de mulher* (2013); *Homossexualidade: História e luta* (2009) e *Lesbecause* (2008). Quanto ao embasamento teórico, contamos, dentre outras autoras e autores, com as contribuições de Swain (2004), Spargo (2006) e Facchini (2002), para compreendermos a historicidade dos movimentos de militância, as significações em torno do ato de nomear e o processo de higienização em relação à significação das lesbianidades. Compreendemos que, nesses cordéis, há uma tentativa de publicizar as lutas históricas em prol dos direitos das lésbicas de forma contextualizada, tendo em vista que em suas narrativas são apresentadas contribuições da militância, desde o direito a um nome, o rompimento do *éthos* heteronormativo da felicidade, bem como o reconhecimento do prazer sexual entre as iguais. Todavia, argumentamos que, na tentativa de representarem um discurso politicamente correto, os mesmos acabam por vezes sendo muito higienizados em relação às lesbianidades e seus signos.

Palavras-chave: Cordéis. Militantes. Lesbianidades.

Abstract

We discuss the contributions and consequences of militant *cordel* literature on lesbianities. Our corpus is composed of three strings: *Chica gosta é de mulher* (2013); *Homossexualidade: História e luta* (2009) e *Lesbecause* (2008). As for the theoretical basis, we count on contributions from other authors such as Swain (2004), Spargo (2006) and Facchini (2002) to understand the historicity of militancy movements, the meanings around the act of naming and the process of hygiene in relation to the significance of lesbianities. We understand that there are in these texts an attempt to publicize the historical struggles for the rights of lesbians in a contextualized way. The right to a name, the breaking of the ethos of heteronormative happiness, as well as the recognition of sexual pleasure among equals. However, these *cordel* narratives, in an attempt to represent a politically correct discourse, end up being very hygienic in relation to lesbianities and their signs.

Keywords: *Cordel* literature. Militants. Lesbianities.

Neste artigo, pretendemos compreender as contribuições dos cordéis militantes para o nomear das lesbianidades, considerando a sua visibilidade nas discussões acadêmicas, no intuito de configurar as conquistas das lésbicas através da militância. Esses cordéis apresentam fatos históricos engendrados em conquistas, justificando o uso de alguns termos usados para nomear as lésbicas. Isto é, numa tentativa de historicizar o lugar da militância, suas narrativas buscam justificar que os termos “politicamente corretos”¹ dos quais eles fazem usos foram construídos, mediante opressão, preconceito e muita resistência. Os cordéis representam, portanto, produções que retiram as lésbicas de um anonimato para enfrentar o preconceito ou, de acordo com outras teorias, para se normatizar e ser condescendente com alguns estereótipos.

Porém, a partir dos questionamentos de Swain (2004), propomos problematizar o lugar de visibilidade e de produção discursiva dos cordéis, a partir de um lugar social que remete à militância. “*Quem são aquelas que saíram do anonimato para enfrentar o repúdio, a repressão ou a condescendência? Quem ousa explicitar suas preferências e, finalmente, a questão a meu ver crucial, para que explicitá-las?*” (SWAIN, 2004, p. 38). A partir dessas questões, conforme buscaremos argumentar e explicitar, no decorrer deste artigo, compreendemos que as configurações das práticas das lesbianidades, nos cordéis militantes, revelam não só objetivos políticos de existência e visibilização, mas também perspectivas de higienização e violência simbólica.

Quando falamos de higienização e de violência simbólica, estamos nos referindo à limpeza dos signos que remetem imediatamente às representações lesbianas de forma homogeneizante, sem levar em conta varia-

1 Compreendemos a expressão como representativa para posições políticas contra uma linguagem que carrega as marcas da discriminação e do preconceito contra as “minorias”. Todavia, reconhecemos que “a linguagem politicamente correta não é nenhum remédio milagroso contra os preconceitos que estão fortemente arraigados em nossa sociedade”. (RAJAGOPALAN, 2000, p. 101)

ções, singularidades. Entretanto, em detrimento de serem “politicamente corretas” e, por vezes, estereotipadas², entendemos que essas configurações provocam uma visibilidade e um reconhecimento das lesbianidades.

A politização dos termos usados para nomear as lésbicas, nesses cordéis, de forma “politicamente correta”, reflete-se, por exemplo, na imagética da capa dos mesmos. Contudo, conforme ilustraremos na segunda parte deste artigo, as imagens apresentadas nas capas dos cordéis militantes são por vezes muito “limpas” e não remetem, imediatamente, ao que os versos representam. São capas tão comuns que incomodam, talvez até porque esperássemos marcações identitárias estereotipadas, mas jamais tanta apatia que, pelo que suprime, higieniza e intelectualiza, chega a metaforizar e violentar as lesbianidades.

Compreendemos, no entanto, que talvez seja preciso ponderar essa concepção, pois não é interessante e, talvez, nem mesmo possível inventar uma capa lésbica, gay, travesti amplamente representativa. Além disso, sabemos que os movimentos de militância lutaram arduamente por igualdade. No entanto, as lésbicas constituem rupturas tão significativas que, quando tentam se igualar, por vezes acabam por se anular. Neste sentido, melhor que uma “igualdade” higienizada talvez seja uma diferença positivada ou mesmo produtiva.

Reconhecemos, assim, que há várias contribuições nesses cordéis, dentre as quais, conforme apontaremos na terceira parte deste artigo, temos: a ruptura do *éthos*³ da felicidade. Numa sociedade heterossexual, machista, branca e elitista, foi construído um ideal de vida e, portanto,

2 Sabemos, em acordo com Aronson (2002, p. 294), que “o estereótipo é uma generalização acerca de um grupo de pessoas, na qual características idênticas são atribuídas a praticamente todos os membros do grupo, sem levar em conta as variações reais entre eles”.

3 “Costumes e hábitos fundamentais de indivíduos e instituições, para difusamente designar contextos culturais em que se move certa coletividade, guiada por crenças, valores, superstições, devidamente localizados em tempos e espaços específicos” (SILVA, 2004, p. 329).

de felicidade vinculado à orientação sexual tida como normal. Não se compreendia como seria possível ser feliz fora desses marcadores da diferença e essa sociedade tratou de punir e expurgar todos aqueles que fugiam a esse modelo: as mulheres que ousavam desafiar a “ordem do pai”, os negros, tidos como mercadoria em várias sociedades, os pobres sempre tratados como escória e as pessoas LGBTs tidas como anormais, às vezes monstruosas, pecadoras, dentre outras configurações. Os cordéis, contudo, trazem narrativas em que as lésbicas desafiam essa sociedade, demonstrando a possibilidade de viver a felicidade através de práticas não heterossexuais de amor, de desejo, de sexo, de afeto e de vida. Assim, sendo, os cordéis militantes configuram a lesbianidade de forma natural, como possibilidade de vida e, conseqüentemente, de felicidade. Não se trata de enfrentamento a nada, mas do descobrimento de uma orientação sexual e a vivência das práticas concernentes a ela.

Isso posto, a partir das perspectivas teóricas abertas pelos estudos de gênero⁴, selecionamos três cordéis para os fios de tessitura que compõem a discussão das lesbianidades nos cordéis de militância, problematizando a historicidade e, assim, a contextualização diante de suas significações: *Homossexualidade: História e luta* (2009) de Nando Poeta e Varneci Nascimento, em que a lesbianidade está configurada e generalizada diante do termo *homossexualidade*; *Chica gosta é de mulher* (2013) de Jarid Arraes, no qual a lesbianidade é configurada como o amor entre duas mulheres; e *Lesbecause* (2008) de Salete Maria da Silva, que protagoniza a lesbianidade a partir do termo *lésbica*.

Usamos dois critérios para a seleção dos cordéis: o primeiro é a nomeação atribuída às mulheres tidas como lésbicas; o segundo, que os/as cordelistas pudessem ser configurados no lugar de militância.

4 Compreendemos gênero, a partir de Scott (1990, p. 14), como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Dessa forma, entendemos o gênero enquanto categoria de análise.

Nossas lutas têm um lugar histórico. Os movimentos de militância refletidos nos versos do cordel *Homossexualidade: História e Luta*

Conforme já assinalamos, para nomear as lesbianidades, as narrativas cordelistas se esforçam em trazer termos “politicamente corretos” utilizados no âmbito de políticas públicas e/ou em movimentos de militância. Quando termos mais estereotipados aparecem, a exemplo do termo *sapatão*, logo são problematizados, devido à carga semântica que carregam e pelo fato de integrarem um imaginário popular que remete a preconceitos.

Os caminhos escolhidos nos cordéis são parte de uma tessitura de fios históricos que engendram os sentidos dos termos e as suas representações para as lésbicas ou para pessoas LGBTQs, demonstrando que o nomear é um ato político e que, no caso das lésbicas, em muitos contextos, foram causas e/ou consequências de lutas militantes pelo direito de existir ou de serem visibilizadas.

Neste sentido, torna-se necessário historicizar que, a partir da década de 1960, quando temos o aparecimento das categorias políticas, há uma diferença em relação aos termos que já existiam e eram atrelados à negatividade ou à doença, “(...) *ao invés de aceitarem uma posição passiva como um objeto de conhecimento, os sujeitos identificados como gays e lésbicas estavam ostensivamente escolhendo ou reivindicando uma posição*” (SPARGO, 2006, p. 25-26). Nesse contexto, houve, então, um protagonismo dos sujeitos gays e lésbicas. Não se tratava mais de atribuições aleatórias e advindas da ciência médica, dos religiosos ou dos inquisidores, mas de um ativismo desses sujeitos que buscavam um lugar social de vivência a ser reconhecida.

Diante desse movimento histórico, os termos e/ou expressões usados para nomear as relações entre os/as iguais foram se multiplicando, a partir de demandas específicas e de contextos históricos e temporais diferenciados. A multiplicidade desses termos, bem como o desconhecimento em relação a eles, têm levado ao descontentamento das pessoas LGBTs, que consideram as especificidades de cada termo como constituintes de uma identificação que é diferenciada e, por isso, não aceitam ter suas identidades e existências resumidas a apenas um deles.

Por causa dessas inquietações, em 2010, foi inclusive criado um Manual de Comunicação LGBT, que foi lançado na 5ª Conferência Regional da ILGA⁵ (Associação internacional lésbica, gay, bissexual, trans e intersexual), pela ABGLT (Associação brasileira de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais), em parceria com jornalistas, militantes LGBTs e o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids – UNAIDS.

Tendo em vista esse pano de fundo brevemente apresentado, analisaremos um cordel que problematiza as lutas históricas representadas por termos militantes para nomeação das relações lesbianas, assim como os principais marcos históricos e símbolos das pessoas LGBTs. O cordel a ser analisado é *Homossexualidade: História e Luta* (2009), de Fernando Antônio Soares dos Santos e Varneci Nascimento.

Nas três primeiras estrofes, temos como estratégia dos cordelistas a tessitura dos fios que compõem a história do preconceito, para demonstrar que a homofobia emergiu dentro de um contexto histórico específico e, como tal, deve ser conhecida.

5 Essa associação engloba a América Latina e o Caribe e o encontro aconteceu em Curitiba, no Paraná, entre os dias 27 e 30 de janeiro de 2010.

01

Queremos nesse assunto
Mergulhar profundamente
Pra mostrar uma estatística
Que muda diariamente,
A horrenda homofobia
Crescendo mundialmente.

02

Por isso, nesse cordel
Vamos por em evidência:
Que quem curte o mesmo sexo,
Ou pra isso tem tendência,
Foi sempre desrespeitado
E vítima da violência.

03

Homossexualidade
Sempre tema especial
Outrora foi esquecido
Mas no momento atual,
É lembrado, pois faz parte
Da história universal.

(SANTOS, NASCIMENTO, 2009, p. 03)

A homofobia é configurada como algo crescente e que faz parte do cotidiano daqueles/as que têm relação amorosa com o/a igual. Por esse motivo, os cordelistas afirmam que é preciso colocar em evidência, ou seja, publicizar a discussão sobre a homossexualidade. Sendo assim, a narrativa do referido cordel vai ao encontro das questões levantadas pelo ativista e pesquisador Luiz Mott, que ressalta que:

A intolerância à homossexualidade – cientificamente chamada de “homofobia” – atinge dimensões chocantes e requintes de crueldade em nosso país, fruto de uma ideologia machista e heterossexista que vê os homossexuais como traidores e demolidores da supremacia do super-homem e encara as lésbicas como ameaça e desafio à violenta superioridade do sexo-forte (MOTT, 1987, p. 140).

Mott considera que as pessoas LGBTs são visualizadas, percebidas como pessoas que afrontam o patriarcado. No entanto, acreditamos que os discursos como o apresentado por Mott (1987) já passaram por transformações. Não podemos mais falar em sociedades patriarcais⁶ de forma generalizada, mas machistas, que conservaram traços, talvez os mais cruéis dessa sociedade, nos quais a heterossexualidade, ainda, é a norma.

Seja como for e ainda para comprovar o que diz o cordel, nos apropriamos de Ramos (2017), quando diz que “*A população LGBTI no Brasil é estimada em 20 milhões de pessoas (...) o número já representa cerca de 10% da população nacional*”, porém, a maioria não assume sua homossexualidade por medo da repressão, do preconceito, do crime. Trata-se de uma situação que precisa ser discutida pela sociedade civil, pois, hoje, no Brasil, a cada 27 horas, um gay, lésbica ou travesti é assassinado (BARROS, 2015).

Além disso, se adentrarmos a Constituição Federal, capítulo VII, artigo 226, inciso 3º, perceberemos que há, de forma explícita, um conceito de família heterossexual, inclusive, colocado como “*união estável entre o homem e a mulher como entidade fa-*

6 Comprendemos o patriarcalismo a partir da concepção problematizada por Badinter (1993), que “*(...) seja qual for o modelo imaginado para pensar os sexos – semelhança ou diferença – o homem se apresenta sempre como exemplar mais bem-acabado da humanidade, o absoluto a partir do qual a mulher se situa*” (BADINTER, 1993, p. 9). Ao homem, é exigido que assuma sua posição social que representa a ordem, pois, historicamente, “*a virilidade era atributo fundamental de honra de um homem*” (PRIORE, 2006, p. 64).

miliar” (BRASIL, 1990). Essa concepção deixa evidente que ela não inclui aquilo que ficou conhecido como união homoafetiva.

Embora alguns acreditem que o artigo 226 da Constituição Federal possa ser interpretado de outras formas, por sua subjetividade e seu caráter “*exemplificativo*” (LIMA & BORGES, 2009, p. 47), ele nos parece muito evidente em relação a homem e mulher como entidade familiar. Quanto ao casamento civil entre as/os iguais, está ausente da Constituição Federal e também do Código Civil brasileiro, mas, pela resolução 175, de 14 de maio de 2013, por decisão do Supremo Tribunal Federal, é obrigatório que os cartórios realizem a cerimônia (MARTINS, 2014).

Cabe destacar ainda que, em 2019, o STF aprovou a criminalização da homofobia, que foi equiparada ao crime de racismo. Decisão que traz alento para estatísticas tão negativas em relação à vida e a luta das pessoas LGBTQs (BARIFOUSE, 2019).

Em suma, os dados estatísticos, bem como o panorama relacionado às questões legais que envolvem o combate à homofobia e a luta pelos direitos comprovam, em grande parte, a pertinência da discussão proposta pelo cordel sobre a violência e a atualidade da temática relacionada ao preconceito contra as pessoas LGBTQs.

Na estrofe 03, faz-se menção à “história universal”, da qual outra a homossexualidade fora excluída, em oposição à sua lembrança no momento “atual”. Isso significa dizer que “*não se fala, logo, não existe*” (SWAIN, 2004, p. 19), mas, a partir do momento em que os sujeitos foram categorizados, eles passaram a ser reconhecidos enquanto sujeitos históricos, passaram a fazer parte da chamada história universal.

Além do silenciamento legado às práticas amorosas e sexuais entre o/a (s) iguais, não podemos desconsiderar que, por muito tempo, até a primeira metade do século XX, os historiadores também não se preocuparam em desvendar, descontinuar com esses silenciamentos, pois a história estava influenciada por uma produção historiográfica positivis-

ta que a compreendia de forma elitista, heterossexual e branca e, portanto, reconhecia enquanto sujeitos históricos apenas aqueles que faziam parte de um modelo de sociedade que marginalizava todos aqueles tidos como infames⁷, nos quais incluímos as lésbicas.

Nos versos da estrofe 04, por sua vez, percebemos que há menção à luta dos/das⁸ iguais por construção daquilo que, no cordel, é chamado de imagem, que remete à construção do seu espaço enquanto lugar de existência, mas sua narrativa ressalta que essa tem sido uma tarefa de “muita luta e coragem”:

04

Para contar essa história
Faltou sincera abordagem
E o homossexual
Hoje constrói uma imagem
Perante a comunidade
Com muita luta e coragem.

(SANTOS, NASCIMENTO, 2009, p. 04)

O cordel fala, pois, na construção de uma “imagem homossexual”, relacionada à imagem de afirmação e, portanto, à “saída do armário”.

Se por um lado, não podemos desconsiderar o fato de que, em determinados espaços sociais, assumir-se lésbica ou gay é sinônimo de luta, enfrentamento contra preconceitos dos mais velados, nem tampouco que, a partir da década de 1970, passa-se a lutar por igualdade

7 “Entendo por infame o estereótipo destinado a todos aqueles que fogem à norma, às regras sociais e culturais de conduta, a exemplo das mulheres que tratam sua sexualidade com insubmissão e que têm sua existência obscurecida ou desventurada” (FOUCAULT, 1988, 207-211).

8 Preferimos chamar as relações amorosas e sexuais entre as iguais de lesbianidade, porém os cordelistas usam homossexualidade se referindo tanto à “homossexualidade feminina” quanto à “masculina”.

de direitos e cria-se uma “(...) comunidade homossexual, [na qual] seria indispensável, antes de tudo, que o indivíduo se “assumisse”, isto é, revelasse seu “segredo”, tornando pública sua condição” (LOURO, 2008, p. 32); por outro lado, contudo, não podemos, hoje, corroborar a concepção de que as saídas do armário sejam indispensáveis, muito embora sejam escolhas que geram decisões e/ou confrontos.

É preciso atentar, ainda, para o fato de que a identificação, especificamente a partir do assumir-se, ou seja, das saídas do armário, não é fácil, pois não se trata de uma escolha “(...) individual e a decisão de sair dele, tampouco, depende da “coragem” ou “capacidade” individual”. Em contextos heterossexuais, “assumir-se” pode significar a expulsão de casa, a perda do emprego ou, em casos extremos, até a morte” (MISKOLCI, 2009, p. 172). Portanto, além de um ato político, histórico, com um vestígio de militância, representa resistência, enfrentamento e nem sempre com consequências positivas.

Nos versos seguintes, iremos perceber que os cordelistas configuraram o contexto de surgimento dos movimentos de militância no Brasil e também seus objetivos, bem como termos que surgem para visibilizar as relações lesbianas, até então vistas como lado feminino da homossexualidade, porém silenciadas diante de termos usados pela ciência e pelo imaginário popular:

05

No Brasil tudo começa

Lá pelos anos setenta

Rio de Janeiro, São Paulo

Onde a ideia se fomenta

Se pregando a tolerância

Por igualdade argumenta.

06

Organizam a resistência
O Somos e o Lampião
Grupos que juntaram gente
Na rua deram a lição:
Alimentar preconceito
É ter discriminação.

07

Lesbos, ilha lá na Grécia
Lugar que a Safo nasceu
Uma mulher bem guerreira
Que direitos defendeu
Vem aí o termo lésbica
Onde essa mulher viveu.

(SANTOS, NASCIMENTO, 2009, p. 07)

Antes que esses movimentos se configurassem, tanto gays como lésbicas, bem como todos aqueles tidos como “infames”, passaram por marginalizações estabelecidas pelos mais diversos discursos: “*pecado, crime, doença, sem-vergonhice*” (FRY & MACRAE, 1985, p. 60). O principal objetivo dos primeiros grupos de militância foi a descaracterização das relações entre os iguais enquanto doença. Entretanto, os estigmas eram muitos e variados, legitimados tanto por uma literatura dita sagrada, como por uma ciência médica que, no século XIX, atuava com legitimidade.

Assim, como versa o cordel e de acordo com Green (2000), “(...) o surgimento de um movimento brasileiro pelos direitos de gays e lésbicas [ocorre] no fim dos anos 70”, mas, “apesar de reunir homossexuais, [esses movimentos] possuíam uma atuação qualificada pelos militantes como ‘não-politizada’, por estar exclusivamente voltada para a ‘sociabilidade’”

(FACCHINI, 2002, p. 60). Independente das contradições em torno dessa afirmação, o fato é que não podemos esquecer do contexto político da década de 1970, pois, se não fosse o AI-5 e toda sua repressão, talvez, esses movimentos tivessem ido em direção à luta, nesse momento, “(...) *pelos direitos dos gays e lésbicas*” (GREEN, 2000, p. 454).

Na estrofe 06, os cordelistas falam do *Somos* e do *Lampião*. O *Somos* é conhecido como o primeiro movimento homossexual no Brasil e é apropriado como ponto de referência, às vezes, conforme Facchini (2002), de forma engessada e unívoca, sem contextualizar e perceber os diversos outros movimentos que surgiram *a posteriori*: “[...] *tendo uma proposta de politização da questão da homossexualidade, o Somos, de São Paulo, ocorreu em 1978. [...] É importante esclarecer, desde já, que esse grupo adquiriu grande notoriedade e visibilidade do ponto de vista histórico*” (FACCHINI, 2002, p. 66). Pelo fato de ter sido o primeiro grupo, a presença do *Somos* acabou vigorando em algumas pesquisas de forma minuciosa e única, como se outros movimentos não tivessem existido. A representatividade do movimento acabou se sobrepondo aos demais que surgiram depois e com estilos de militância diferenciados.

O “Jornal Lampião da Esquina”, ao qual os cordelistas também fazem referência, foi lançado em 1978 e trazia discussões sobre as homossexualidades. Ainda nesse mesmo ano, os movimentos se uniram para discutir sobre a discriminação sofrida por alguns grupos de resistência que eram, muitas vezes, boicotados. De acordo com Facchini (2002, p. 67), diante dessas discussões sobre problemas internos e discriminação de grupo, vai ocorrer a entrada das mulheres no *Somos*, assim como também a entrada das lésbicas no “Jornal Lampião da Esquina”, em 1979: “(...) *nós estamos atrasadas porque temos medo (...). Porque não construímos o espaço do nosso viver*”. Essa é a primeira fala das lésbicas relacionada à quebra do seu silêncio público.

Provavelmente em referência a essa supracitada entrada das lésbicas, na estrofe 07, os cordelistas versam sobre o surgimento do termo “lésbica” atrelado à poetisa Safo, da ilha grega de Lesbos. O termo só aparece em cordéis militantes, pois sua historicidade demonstra que ele categoriza, inclusive, o movimento surgido, a partir do Somos, em 1980: o Grupo Lésbico-Feminista.

Apesar do título do cordel usar o termo “homossexualidade” englobando tanto gays masculinos quanto femininos, nos versos da estrofe 07, o termo que especifica a relação amorosa entre as iguais, “lésbica”, é mencionado para falar de seu espaço e contexto de origem, embora não seja problematizada a situação política associada ao mesmo.

É preciso considerar, por fim, que *Homossexualidade: História e Luta* se trata do único cordel militante, dentre os selecionados no nosso estudo, que foi produzido por dois homens. Embora essa afirmação não legitime a escolha do termo “homossexualidade” para nomear relações entre os/as iguais, consideramos que, pelo menos, justifica. É preciso pensar, de acordo com Anzaldúa (2009, p.306), que “*Somos privados do nosso feminino pelo plural masculino. A linguagem é um discurso masculino*”. Portanto, é muito cômodo utilizar um termo, supostamente genérico, para incluir todas as formas de relações amorosas e/ou sexuais, desejosas, afetivas entre os/as iguais, legitimando o lugar desse discurso masculino que priva e silencia o lugar que remete ao feminino.

No Manual LGBT, aqui já citado, a definição de “homossexualidade” está relacionada a “*modo de ser*” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA... 2010, p. 11). A definição remete à substituição do sufixo “ismo”, que estava relacionado à doença, pelo sufixo “dade”, que está ligado à forma de ser das pessoas. O termo “homossexualidade, entretanto, ainda representa com maior intensidade o masculino e não confere tanta visibilidade à lesbianidade.

Seja como for, nas páginas seguintes, o Manual traz outra definição para o termo: “*É a atração sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo/gênero*” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA... 2010, p.14). Nessa definição, compreendemos que há um estreitamento das possibilidades das relações entre os/as iguais, uma vez que a definição sugere “*atração sexual e afetiva*”, quando a homossexualidade não se resume apenas à atração, não está relacionada apenas a sexo e afeto, mas a inúmeras outras possibilidades no campo das subjetividades, dos desejos.

Dessa forma, podemos considerar que, apesar das críticas aqui apontadas, o cordel analisado contribui para compreendermos que os termos considerados militantes surgiram de movimentos de luta e resistência que têm um lugar histórico.

Chica gosta é de mulher e Lesbecause: sobre a higienização⁹ das capas dos cordéis

A limpeza moral das formas de tratamento em relação ao grupo de pessoas LGBTs ocorre de forma institucionalizada e moralmente aceita por instituições, como o Estado. Segundo Santos e Silva (2013, p. 124), dois fatores contribuíram para esse processo de higienização: “*o surgimento da AIDS e do nicho mercadológico voltado para o público gay*”. Acreditamos, contudo, que é preciso salientar também que isso ocorre através de um processo seletivo no qual gays e lésbicas negros/as e de baixa renda acabam sendo os grupos mais vitimizados. É nesse sentido que problematizamos se as capas dos cordéis seriam representações de um movimento similar no tocantes às lesbianidades.

Sendo assim, passemos à análise das capas dos cordéis:

9 Utilizamos o termo higienização, para nos referirmos ao apagamento dos estereótipos por esses cordéis que apresentam lésbicas apenas como mulheres não estereotipadas visualmente. Logo, não falamos aqui da higienização social promovida pelo processo de urbanização entre o século XIX e XX, mas da higienização enquanto limpeza de signos.

Figura 05 – Cordel *Chica gosta é de mulher*



Fonte: Acervo pessoal

Nesse primeiro cordel, intitulado *Chica gosta é de mulher*, de Jarid Arraes, temos uma capa com a apresentação de uma mulher esteticamente dentro dos padrões da “normalidade”. Entretanto, precisamos considerar a positividade de não trazer uma configuração negativa sobre “a lésbica”, tal como normalmente ocorre no caso das capas dos cordéis tradicionais. Quer dizer, compreendemos que o cordel não apresenta, na capa, um estereótipo de sapatão, tal qual os cordéis tradicionais. No entanto, argumentamos que isso não só representa certa higienização, como também uma forma de invisibilização de outras lesbianidades.

Consideramos, pois, que a capa apresenta uma certa higienização que parece tão normatizada, que nos remete ao que diz Derrida e Roudinesco (2004, p.50) sobre alguns casais homoafetivos que “(...) *tenhem a querer aparecer como tão ‘normais’ quanto os casais tradicionais,*

a ponto de imitá-los, às vezes, de forma caricatural". Tratar-se-ia, assim, conforme argumentamos com relação à referida imagem da capa, de uma estratégia para apagar e neutralizar as lesbianidades, que não é inconsciente, embora possa passar despercebida.

Estratégia que, por sua vez, poderia ser associada às considerações de Bourdieu (1999, p. 143) quando afirma que, "(...) o dominado tende a assumir a respeito de si mesmo o ponto de vista dominante". Trata-se, segundo o autor, de uma forma de se esconder e se blindar das categorizações que os levam a sofrerem preconceitos e alguns vivem, de acordo com o mesmo autor, entre "(...) o medo de ser visto, desmascarado, e o desejo de ser reconhecido pelos demais homossexuais" (BOURDIEU, 1999, p. 143).

Não queremos generalizar tal percepção, inclusive por compreender que o uso de Bourdieu (1999) como referencial foge um pouco da nossa perspectiva teórica; mas observamos que esse medo existe e, conforme argumentamos aqui, ele é refletido na forma como as lesbianidades são apresentadas e/ou representadas nos cordéis aqui considerados, a saber: dentro de uma propositura heterocentrada na qual o desapego aos binarismos não acontece.

Nesse sentido, se o título do cordel de Arraes nos leva a pensar que poderia haver um discurso *queer*, de desapego aos binarismos, às categorizações, logo ao adentrar nos versos, porém, percebemos que as configurações das lesbianidades, no folheto, não fogem àquelas versadas no cordel dito tradicional. Permanece a configuração identitária e o binarismo, pois a dualidade vai permanecer e as categorizações sobre as lésbicas logo vão sendo versadas.

Observamos, ainda, que o fato de não haver nomeação, na capa do cordel, através de um termo mais popularizado, invisibiliza a produção e, conseqüentemente, as práticas de lesbianidade outras, cujas existências acabam, dessa forma, obscurecidas. Todavia, não podemos desconsiderar que essa é uma percepção nossa, que representa uma possibilidade, mas as relações de afeto, sexo, sexualidades podem ser ressemantizadas.

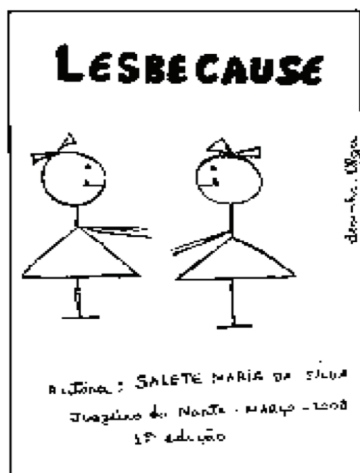
Além disso, não devemos esquecer que estamos falando de uma produção cordelística que tem como lugar social o sertão do Ceará, pois Arraes (2013) é de Juazeiro do Norte, sertão do estado. É uma cordelista negra que apresenta uma escrita com engajamento político.

Sendo assim, percebemos que, quando a autora fala da lesbianidade em lugares distantes e interioranos, está se referindo ao seu lugar social, o sertão do Ceará e, portanto, representa, em seus cordéis um pouco da cultura que lhe é inerente. Segundo Certeau (1982, p. 66), ao problematizar sobre lugar social, “(...) *toda pesquisa historiográfica se articula a um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias*”.

Logo, os versos de Arraes (2013) se articulam dentro dessa perspectiva de produção de conhecimento, influenciada por uma família de cordelistas engajados, já que seu pai já havia produzido cordéis e, tendo em vista uma realidade vivida por uma mulher negra, a cordelista externa um pouco daquilo que vivencia e/ou vivenciou em Juazeiro do Norte. Não que seu lugar social tenha determinado sua escrita, porém a influenciou. Ainda de acordo com Certeau (1982, p.67), “(...) *é em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineiam uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam*”, ou seja, é a partir de Juazeiro do Norte, lugar de origem social e histórica da autora, que sua escrita se constrói, atravessada pelos problemas e anseios que fazem e/ou fizeram parte de seu cotidiano.

A seguir, temos mais um cordel, de autoria de Salete Maria da Silva, intitulado *Lesbecause* (2008), que versa sobre as lesbianidades, enfatizando as conquistas históricas das iguais, desde o direito à palavra pública até à visibilidade das relações amorosas. Todavia, agora, nosso interesse se concentra na capa do cordel.

Figura 06 – Cordel *Lesbecause*



Fonte: <http://cordelirando.blogspot.com.br/>

Consideramos que esse cordel também apresenta uma capa higienizada e, poderíamos dizer, sem uma identificação imediata com as práticas das lesbianidades. Não que estivéssemos exigindo o estereótipo tradicional sobre “a lésbica”, até porque a identidade de gênero não é identificada apenas pelo estereótipo. Além disso, obviamente não podemos exigir que a cordelista cumpra expectativas que são nossas ou, mesmo, que ela não seja afetada por uma necessidade política de falar das lutas lésbicas por visibilidade.

Entretanto, ao que parece, na tentativa de demonstrar a conquista de um espaço de discussão pública e de vivência das lésbicas, a opção foi por demonstrar, desde o título da produção cultural, um lugar de militância ou, simplesmente, identificar a lesbianidade como uma vivência, um corpo e suas práticas, oriundos de um lugar de luta política, uma vez que o título remete à causa lésbica.

Todavia, não é um cordel que qualquer leitor desavisado possa, de imediato, compreender do que se trata, uma vez que o termo usado para se referir às lésbicas é formado a partir de uma aglutinação de duas palavras em língua inglesa: “*lesbian*” e “*because*”, que podem ser desconhecidas por aquelas e aqueles que não têm familiaridade com o idioma.

A imagem apresentada na capa é interessante para uma pesquisa como a nossa, que busca atribuir sentidos às representações imagéticas, mas objetamos que ela invisibiliza as lésbicas em outros espaços de leitura. Ela não contribui, por exemplo, para tornar existente a sapatão. Isso, ao nosso ver, ocorre através de uma violência simbólica (BOURDIEU, 1999, p.143). Ela parece, ainda, querer configurar algo com a presença de duas meninas, as quais poderiam remeter a inúmeras interpretações que não necessariamente estariam relacionadas às lesbianidades. É uma capa muito genérica, que acaba promovendo, dessa forma, uma violência simbólica pelo que suprime, esconde, silencia e representa, enquanto incógnita a ser decifrada ou signo a ser compreendido. Contudo, talvez, não devamos generalizar. A capa pode não remeter às lesbianidades, de imediato e para qualquer leitor, mas ela, provavelmente, foi produzida e direcionada a um/a leitor/a específico/a, que logo associaria a representação de duas iguais à temática das lesbianidades.

Nesse sentido, a capa é um “cartão de visita” não apenas de uma mercadoria, mas de uma literatura que é, como tal, uma produção cultural carregada de significações. Todavia, embora a capa possa não falar publicamente e mais diretamente sobre a temática central do cordel, o conteúdo da sua narrativa, que não constitui nosso objeto de análise, fala exatamente de conquistas de direitos das lésbicas, entre eles, o assumir-se e, desse ponto de vista, é coerente com o título “*Lesbecause*”.

Tendo em vista os comentários feitos com relação às duas capas apresentadas, retomemos novamente Bourdieu (1999, p. 145), para

quem homossexuais e lésbicas, ao exigirem reconhecimento, passariam por um processo de invisibilização cuja

particularidade (...) implica [na] sua anulação (...), como se os homossexuais, que tiveram que lutar para passar da invisibilidade para a visibilidade, para deixarem de ser excluídos e invisibilizados, visassem a voltar a ser invisíveis, e de certo modo neutros e neutralizados, pela submissão a norma dominante (BOURDIEU, 1999, p.143).

Acreditamos que é isso que ocorre com os cordéis apresentados. Na tentativa de exigir, socialmente, reconhecimento, de visibilizar conquistas políticas no campo das políticas públicas e demonstrar a existência lésbica de forma “normal”, a começar pelas suas respectivas capas, esses cordéis acabam neutralizando a possibilidade de representação das lesbianidades de modo mais plural. Contudo, tal qual buscamos sustentar, ao conquistar visibilidade dessa forma, todos correm o risco de se misturar e, logo, podem tender a ser “normais” ou simplesmente se normatizar.

Rompimento de um *éthos*: como ser feliz sem ser hétero

Neste subtópico, discutimos o rompimento de um *éthos* da felicidade representado por um dos cordéis propostos como objeto de análise neste artigo, *Chica gosta é de mulher*, no qual percebemos a irritação da sociedade frente à felicidade e à relação amorosa/sexual/afetuosa/desejosa entre mulheres, que incomoda os olhos sociais, pois, para muitos, a heterossexualidade é o espaço do normal, do politicamente e moralmente correto e sagrado, mas não é só isso. Muitos acreditam ser esse o *locus* da felicidade, não percebendo ser possível a felicidade diante de outra orientação sexual. Logo, quando percebem lésbicas, gays, travestis vivendo com felicidade e prazer, acreditam que é preciso suprimi-los,

pois essa felicidade que representa o questionamento de um *éthos* não é aceita socialmente em vários espaços ou não se visualiza e, quando o é, encontra-se sujeita à eliminação, adestramento ou marginalização.

Assim, nos versos a seguir do referido cordel, apresenta-se a sociedade do cariri cearense e todo o seu imaginário de lesbofobia, que a personagem Chica precisaria enfrentar para que pudesse viver seus amores, desejos e pulsões afetivas lesbianas:

06

O povo já se juntava
Prum ataque planejar
De raiva se espumava
A gritar e a xingar
Só faltava balaclava
Pra merda consolidar

07

Foram juntos caminhando
Para Chica encurralar
Com o ódio fervilhando
Pra bater e pra matar
Quando a casa foi chegando
Se puseram a atacar
(ARRAES, 2013, p. 04)

Nessas estrofes, é visível a irritação popular com Chica. O que os irrita tanto? Não só a lesbianidade de Chica, mas sua felicidade, pois é construído para a lésbica um mundo de frustração.

De fato, existe uma profunda esquizofrenia social em torno do lesbianismo, seja para obscurecê-lo ou negá-lo enquanto prática corrente,

seja para desqualificá-lo enquanto mutilação do SER mulher. As conotações que acompanham o epíteto “lésbica”, são sempre negativas: mulher-macho, paraíba, mulher feia, mal-amada, desprezada. As imagens revelam assim ou uma caricatura do homem ou uma mulher frustrada, uma mulher que foge ao paradigma da beleza e da “feminilidade” e escolhe a companhia feminina por não atrair os homens (SWAIN, 1999, p. 1224-1225).

Corroborando Swain (1999), a esquizofrenia apresentada no corodel em torno da lesbianidade de Chica é para desqualificá-la e, assim, tentar controlar e silenciar a personagem diante da publicização de suas práticas lesbianas. O que a sociedade não aceita é uma Chica que não se apresenta frustrada, mas que vive suas práticas amorosas e também não se apresenta de forma masculinizada, fugindo ao que representa a categoria lésbica da *butch*¹⁰.

A atitude, supostamente “justiceira” da população contra a personagem Chica, faz parte da “(...) matriz excludente pela qual os sujeitos são formados. Exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são ‘sujeitos’, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito” (BUTLER, 2000, p. 151). Portanto, a população acredita estar excluindo, do convívio social, o estranho, esquisito, o abjeto.

Segundo Louro (2008, p. 30), quando “(...) ousando se expor a todas as formas de violência e rejeição social, alguns homens e mulheres contestam a sexualidade legitimada e se arriscam a viver fora de seus limites”, logo ocorre, dentre outras consequências, processos de exclusão ou de enquadramento em determinados discursos.

10 A lésbica masculina, herdeira da invertida autêntica, tem sido a representação dominante do lesbianismo, consagrada no arquétipo da *butch*, figura particularmente popular durante a década de 50 entre as jovens subculturas lésbicas, [...] que se contrapõe à figura da *femme*, a mulher feminina, que nem sempre encara a si própria como lésbica. (BRANDÃO, 2007, p. 320).

Ainda de acordo com Louro (2008):

Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou de sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embarralham e confundem os sinais considerados “próprios” de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes, (...) esses sujeitos são tratados como infratores e devem sofrer penalidades. Acabam por ser punidos, de alguma forma, ou, na melhor das hipóteses, tornam-se alvo de correção (LOURO, 2008, p. 87).

A personagem Chica transgride essas fronteiras e, por isso, é considerada como desviante, fazendo com que a população faça justiça diante dessa configuração e imputação de pena, não através da correção, mas da exclusão, da marginalização, da violência que tenta exterminar aquela considerada diferente e que tem seu fim por um momento traçado, a partir de um lugar de preconceito extremo que não admite, sequer, conviver com o diferente, mas busca exterminá-lo.

Assim, na narrativa trazida pelo cordel configura-se também a lesbofobia:

Independientemente de cómo se defina la lesbofobia, cualquier prejuicio sobre el lesbianismo enmascara una profunda misoginia, ya que niega la posibilidad de experimentar la sexualidad, la feminidad, em suma, de celebrar la vida si no es al lado y bajo la mirada tutelar de un hombre. (...) la lesbofobia es también una forma particular de erotofobia¹¹ (VIÑUALES, 2002, p. 111-112).

Ou seja, o fato de uma mulher questionar a ordem do pai, de não querer celebrar a vida se sujeitando ao homem, leva a sociedade ao te-

11 Independente de como se define a lesbofobia, qualquer prejuízo sobre o lesbianismo mascara uma profunda misoginia, já que nega a possibilidade de experimentar a sexualidade, a feminilidade, em suma, de celebrar a vida se não for ao lado e abaixo da mirada tutelar de um homem (...) a lesbofobia é também uma forma particular de erotofobia (tradução livre).

mor de perder um *status* heteronormativo e, mesmo, a atos de violência para silenciar ou exterminar quem ousa transgredir o lugar da norma. A lesbofobia, nascida de um lugar de medo e negação, impõe-se enquanto punição, execração das mulheres lésbicas, através dos mais diversos atos de violência. No caso de Chica, temos a condenação pública, palavras de ódio através da “*raiva que espumava*” (ARRAES, 2013, p. 04). Esse medo vem acompanhado do temor em admitir a possibilidade da existência das relações sexuais entre mulheres ou, ainda, de reconhecer que é possível o prazer numa relação sexual lesbiana. Segundo Swain:

Valores morais, valores religiosos definem a visão do humano, e no mundo patriarcal o amor e o sexo entre mulheres são o perigo maior da perda de poder. De fato, a melhor maneira de assegurar uma dominação é se fazer amar e desejar pelos dominados: neste caso, a heterossexualidade compulsória e a naturalização dos papéis fazem de uma relação assimétrica e hierárquica o espelho do natural, do certo, do bom (SWAIN, 2004, p. 35).

Chica não assegura a dominação. Amando outras mulheres, ela promove uma descontinuidade com o “espelho do natural”, não se enquadrando nos papéis direcionados à mulher numa sociedade heterossexual ela acaba, assim, por representar perigo. Nessa perspectiva, como em vários momentos na história, as lésbicas são julgadas e condenadas. Se antes eram marginalizadas, silenciadas ou invisibilizadas, atualmente, tal como é apresentado nos supracitados versos do cordel, os descontentes com suas existências se propõem a fazer uma “limpeza social”, dispendo-se a encurrular, bater e até matar a personagem Chica. O cordel de Arraes (2013) traz isso não só como constatação, mas como denúncia social, propondo resistência quando configura Chica enquanto alguém que subverte e que protagoniza um lugar de afirmação.

Essa atitude de resistência está representada nos versos seguintes:

08

Mas a Chica imponente
Saiu pra falar cum povo

09

Assustada com a brabeza
Nem um pio mais se ouvia
Chica cheia de certeza
Falou tudo o que queria

10

Ela não se importava
Se gritavam “sapatão!”
Ela muito acreditava
Na grande revolução
Que só o amor causava
Preenchendo o coração

11

E ainda disse além
Que já tinha namorada
Já estava com alguém
Louca de apaixonada
E não tinha seu ninguém
Que lhe desse carteirada
(ARRAES, 2013, p. 05)

Note-se que, nesse momento, a personagem passa a ser nomeada pelo povo que gritava “sapatão.” Antes que ela mesma se definisse ou fizesse um embate, o povo já a identifica de forma estereotipada e essencialista. Swain (2004, p. 94) afirma que *“é muito fácil cair no essencialismo, quando se reivindica uma identidade, quando se liga o ser a uma prática, a uma atração, a um gosto”*. É isso que faz o povo da cidade de

Chica: associa a personagem a uma prática na sua configuração popular e preconceituosa.

No entanto, Chica impõe-se às pessoas que estavam na sua porta no intuito de cometer atos de violência ou mesmo de silenciá-la publicamente a partir da punição. Ao se impor, ao assumir seu lugar de lésbica e, ainda, publicizar sua relação amorosa com outra mulher, ela talvez acreditasse poder vir a ser respeitada pelo fato do assumir-se. Pois, apesar de historicamente esse ato não ter sido sinônimo de respeito, foi e é sinônimo de luta e de militância, de assunção da diferença.

O dizer, aqui, a palavra pública, rompe com silenciamentos históricos. Até século XIX, no Brasil, “(...) a regra geral é o silêncio: silenciar para melhor apagar, para melhor esquecer, para conjurar o perigo daquelas que escapam à norma de uma heterossexualidade tão ‘natural’ e evidente” (SWAIN, 1999, p. 1226). Ou seja, compreendemos que, ao ousar se assumir sem estereótipos e sem uma postura viril e, ainda, apresentar-se feliz, Chica promove, de fato, um processo de esquizofrenia social. Ao promover não só um deslocamento da essencialização da virilidade como algo masculino, mas sua felicidade e empoderamento em ser lésbica, a personagem acaba provocando reações violentas as quais, porém, ela silencia a partir da postura em positivar sua lesbianidade enquanto uma forma de amor revolucionária.

É importante reiterar o fato de que o cordel foi lançado em 2013 e que a cordelista é cearense. Nesse sentido, vale lembrar que, de acordo com Albuquerque Junior (1999, p.1, 4), no Ceará, bem como no Nordeste, “(...) nas fronteiras que traçam os limites do ser nordestino não está inscrita a possibilidade de ser homossexual. Esta tensão entre nordestinidade e homossexualidade só vai se explicitar quando nos anos setenta a problemática emerge”. Ainda de acordo com o autor, essa é uma temática ignorada em alguns espaços, entre eles o da Literatura de Cordel.

Portanto, essa sociedade heterossexual da qual Arraes (2013) fala remete ao Nordeste e ao nordestino “(...) *um tipo regional inventado nos anos vinte, (...) [que] emerge como um tipo que deve resgatar as tradições de uma sociedade em declínio, entre elas, a tradição de mando, poder, autoridade, virilidade dos homens das gerações anteriores*” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999, p. 03). Essa sociedade é construída em meio a esse discurso que silencia, negligencia tudo que estiver relacionado ao feminino e isola qualquer possibilidade de fabricação de uma identidade que não seja heterossexual.

As consequências desses discursos normativos, a partir da configuração do que é ser nordestino, vão aparecer, ainda que não seja com tanto vigor, em cidades interioranas do Nordeste que vivem, até então, tomadas, em alguns espaços, por esses discursos conservadores e machistas que sustentam essa nordestinidade como normal e representativa para a região.

Independente das discussões que positivam e/ou negativizam as lesbianidades enquanto identidade, o fato é que “(...) *as posições de sujeito pontuais e locais serão palco de configurações identitárias na criação de estratégias de dissolução e resistência à violência da norma*” (SWAIN, 1999, p. 1237). É isso que faz Chica: sua posição pontual de lésbica se transforma numa estratégia de resistência à heteronormatividade, que tenta aniquilá-la. Portanto, pouco importa, nesse momento, as teorizações em torno da positividade, ou não, em assumir-se diante de um imaginário popular que não discute essas questões políticas, mas importa o quanto para Chica sua posição marcada se apresenta como possibilidade de se fazer existência frente à sociedade que buscava um linchamento físico de alguém em função de sua lesbianidade.

Considerações Finais

Nesse artigo, discutimos três cordéis de militância, percebendo suas contribuições, mas também o que consideramos negativo ou pouco viável sobre as lesbianidades. No primeiro tópico, procuramos discutir o cordel *Homossexualidade: História e luta*, problematizando algumas de suas escolhas e explicitando suas vinculações com capítulos da história dos movimentos de militância homossexual brasileira, incluindo o engajamento político das lésbicas ao longo dessa história e suas contribuições.

No segundo tópico, fizemos uma leitura das capas dos cordéis *Chica gosta é de mulher* e *Lesbecause*, procurando caracterizá-las como higienizadas e, por essa ótica, silenciosas, sem muitas representações que configurem lesbianidades outras.

Por último, discutimos a ruptura do *éthos* da felicidade, apresentada no cordel *Chica gosta é de mulher* (2013), quando a felicidade é demonstrada enquanto possibilidade para as lésbicas. O intuito é mostrar que a lesbianidade da personagem não acontece por frustração amorosa ou enfrentamento à heterossexualidade, mas por uma orientação sexual que é possível e permite a felicidade, a qual se dá através do assumir-se, do empoderamento.

Consideramos que, nos cordéis militantes, busca-se a inversão da negatividade dos termos e, portanto, positiva-se as identidades lésbicas em busca de legitimidade, mas não apenas isso. Precisamos pensar que, nesse processo de criação identitária, mesmo diante da performatividade, existem as subjetividades que são desenvolvidas e produzem outras representações, inclusive enquanto resistência e/ou não só aceitação.

Sendo assim, problematizamos as contribuições dos cordéis militantes, procurando argumentar que, se por um lado, trazer nesse universo literário uma discussão de engajamento político promove uma diversificação do cordel e uma contribuição para a descontinuidade do precon-

ceito, à medida que emblematiza o percurso histórico da luta militante, da trajetória das lesbianidades, desde quando era negada até o momento de seu reconhecimento e publicização. Por outro lado, conforme buscamos argumentar, também percebemos que as narrativas desses cordéis militantes podem promover um discurso “politicamente correto” que, em alguns casos, é higienizado, minimizando assim a criatividade no cordel e, dessa forma, acabando por contribuir para a instauração de um silêncio em torno das lesbianidades em suas pluralidades.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. “Quem é froxo não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino”. Projeto História (PUCSP), São Paulo, v. 19, p. 173-188. 1999.

_____. “No Ceará tem disso não?: Homossexualidade e nordestinidade ou a história dos homens tristes”. XX SIMPÓSIO NACIONAL DA ANPUH. 1999. Anais. Florianópolis: SC, 1999. p. 1241-1259.

ANZALDUÁ, Glória. “Como domar uma língua selvagem”. Tradução de Joana Plaza Pinto e Karla Cristina dos Santos. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, 2009.

ARONSON, Elliot; WILSON, Timothy D.; AKERT, Robin M. “Preconceito: Causas e curas”. In: Psicologia Social. 3 ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2002. p. 291-322.

ARRAES, Jarid. Chica gosta é de mulher. 2013

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Manual de Comunicação LGBT. Ferdinando Martins, Lilian Romão, Liandro Lindner, Toni Reis. (Org.) [Curitiba]: Ajir Artes Gráficas e Editora, 2010.

BADINTER, Elizabeth. XY: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARIFOUSE, Rafael. STF aprova a criminalização da homofobia. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>” <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>. Acesso em 05 maio 2020.

BARROS, Ana Cláudia. Homofobia motivou um assassinato a cada 27 horas em 2014 no Brasil. Disponível em: <https://noticias.r7.com/cida->

des/homofobia-motivou-um-assassinato-a-cada-27-horas-em-2014-no-brasil-16032015. Acesso em 10 mar. 2020.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRANDÃO, Ana Maria. “E Se Tu Fosses um Rapaz?”: homo-erotismo feminino e construção social da identidade. Tese de Doutorado, Doutorado em Sociologia – Ramo de Teorias e Metodologias Fundamentais. Universidade do Minho, Braga, 2007, 242p.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BUTLER, Judith. “Imitación e insubordinación de gênero”. In: Grafías de Eros. Historia, género e identidades sexuales. Buenos Aires: Edelp, 2000.

CERTEAU. Michel de. Escrita da história. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COTTA, Diego de Souza. Estratégias de visibilidade do movimento LGBT: Campanha não homofobia! – um estudo de caso. (Monografia) Escola de Comunicação ECO. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. UFRJ, Rio de Janeiro , 2009, 62p.

DERRIDA, Jacques. ROUDINESCO, Elizabeth. De que amanhã... Diálogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DINIZ, Rozeane Porto. Do “amor” que dizem o nome: as representações das lesbianidades no cordel. (Tese) Programa de Pós Graduação em Literatura e Interculturalidade. Departamento. Departamento de Letras e Artes. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB, 2017, 243p.

FACCHINI, Regina. “Sopa de letrinhas?” Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. (Dissertação). Programa de Mestrado em Antropologia Social. Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2002, 241p.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo; Graal 1988.

FRY, Peter. MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo. Brasiliense, 1985.

GREEN, James N. Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do Século XX. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leita. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LIMA, Viegas de. BORGES, Suzana. Por um estatuto jurídico das relações homoafetivas: uma perspectiva civil-constitucional. Direito Civil Constitucional. Brasília: Editora Obscursos, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARTINS, Renata. União civil e casamento homoafetivo: entenda a diferença. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/09/uniao-civil-x-casamento-homoafetivoentenda-a-polemica>. Acesso em 20 mar. 2020.

MISKOLCI, Richard. “O Armário Ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet”. Gênero. v. 9, p. 171-190. 2009.

MOTT, Luiz. Amor entre mulheres. (Lampião da esquina) Centro de documentação, professor Doutor Luiz Mott. Nº 12, 1979.

_____. O lesbianismo no Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

POETA, Nando. NASCIMENTO, Varneci. Homossexualidade: História e luta. 2009.

PRIORE, Mary Del. História do amor no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. “Sobre o porquê de tanto ódio contra a linguagem ‘politicamente correta’”. In: SILVA, F. & MOURA, H. (Orgs.). O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico. Florianópolis: Insular. p. 93-102.

RAMOS, Mauro. 10% dos brasileiros são LGBTI, mas estão sub-representados na política. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/06/19/cerca-de-10-da-populacao-brasileira-pessoas-lgbti-sao-sub-representadas-na-politica>. Acesso em 10 mar. 2020.

SANTOS, Andressa Regina Bissolotti dos. SILVA, Henrique Kramer da Cruz e. “Identidade LGBT e capitalismo: a construção histórica da homofobia e as estratégias jurídicas para seu combate”. In: Jornada de Iniciação Científica do PET-DIREITO/UFPR, Curitiba. Anais da XV Jornada de Iniciação Científica. v. 1. p. 106-13, 2013.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Educação e Realidade, vol. 16, no 2, p. 71-99, jul./dez. 1990.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. “A epistemologia do armário”. Cadernos Pagu. Scielo. V. 28. p. 19-54, janeiro-junho 2007.

SILVA, Deonísio. De onde vêm as palavras. Palavras, origens e curiosidades da Língua Portuguesa. São Paulo, Girafa Editora, 2004.

SILVA, Salete Maria da. *Lesbecause*. 2008.

SWAIN, Tânia Navarro. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. “O que a história não diz, nunca existiu?” *As amazonas brasileiras*. *Caminhos da História (UNIMONTES)*, v. 9, p. 29-48, 2004.

_____. “Feminismo e Lesbianismo: a identidade em questão”. *CADERNOS Pagu: Simone de Beauvoir e os feminismos do século XX*. Campinas: ed. UNICAMP, v. 12, p. 109-120, 1999.

SPARGO, Tamsim. *Foucault e a teoria queer*. Tradução Vladimir Freire. Rio de Janeiro: Plauzin, Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

VIÑUALES, Olga. *Lesbofobia*. Barcelona: Bellaterra, 2002.